

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
CURSO DE PEDAGOGIA

**MEDIAÇÃO TECNOLÓGICA NA FORMAÇÃO DOS ALUNOS EM
CURSOS DE ENSINO A DISTÂNCIA**

KARINA KARLA MENDONÇA

MARINGÁ
2014

KARINA KARLA MENDONÇA

**MEDIAÇÃO TECNOLÓGICA NA FORMAÇÃO DOS ALUNOS EM
CURSOS DE ENSINO A DISTÂNCIA**

Trabalho de Conclusão de Curso – TCC,
apresentado ao Curso de Pedagogia,
como requisito para cumprimento das
atividades exigidas para receber a
graduação.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Carlos Faria da
Silva.

MARINGÁ

2014

KARINA KARLA MENDONÇA

MEDIAÇÃO TECNOLÓGICA NA FORMAÇÃO DOS ALUNOS EM
CURSOS DE ENSINO A DISTÂNCIA –
REFLEXÕES CRÍTICAS

Trabalho de Conclusão de Curso – TCC,
apresentado ao Curso de Pedagogia,
como requisito parcial para cumprimento
das atividades exigidas para receber a
graduação. pela Comissão Julgadora
composta pelos membros:

Aprovado em

BANCA EXAMINADORA

(Presidente)

Aprovada em: de outubro de 2014.

Local de defesa: _____ da Universidade Estadual de Maringá.

RESUMO

O presente trabalho se propõe a realizar uma revisão de literatura abordando o panorama socioeconômico que originou a modalidade de ensino superior a distância e o papel da mediação tecnológica na formação dos alunos dos cursos ofertados nesta modalidade de educação. O Trabalho se inicia traçando um breve histórico da situação geopolítica que levou ao paradigma neoliberal. Apresenta o panorama no qual surgiu o ensino superior a distância, elencando as formas de atuação dos tutores registrados na literatura e seus possíveis benefícios na formação do aluno e o que sobre este papel podem nos acrescentar a visão de CABREIRA (2004), MUNHOZ (2003) e VIEIRA (2006), visando identificar alguns dos múltiplos papéis dos tutores na modalidade de Ensino a Distância. Aventa-se sobre qual o perfil desejado a este profissional, aponta as habilidades e competências requeridas ao mediador do conhecimento, enfatizando as habilidades necessárias. Conclui ser importante que a função do tutor para a educação a distância seja ocupada por profissional dinâmico apto a identificar e interagir com potencialidades e lacunas dos estudantes nestas instituições levando em conta a alta competitividade no atual mundo globalizado.

Palavras-chave: Educação a Distância, Ensino Superior, Mediação tecnológica, Paradigma neoliberal, Tutor.

ABSTRACT

The present work proposes itself to accomplish a literature revision about the social and economic scene that led to the newest modality of higher education , the superior distance education and the technological mediation role at the pupils formation. The work initiates delineating a brief historic of the geopolitical affairs that led to the neoliberal paradigm. It presents the scene in which arose the superior education at distance listing and discussing ways of tutor's work registered at the literature and their feasible avails at pupil's formation and what else on this matter can tell us CABREIRA (2004) MUNHOZ (2003) and VIEIRA (2006), aiming to detect a few of the many roles assumed by totors t this education modality. Aprons about what is the configuration of skills most desired for this practitioner, emphasizing the dexterities required to this knowledge mediation. Concludes being important that the function of tutor for the education at distance may be occupied by a dynamic professional apt to detect and interact along with students potentialities and flaws taking well into account the upswing competitive edge at the nowadays globalized world.

Keywords: College, Distance education, Neoliberal paradigm, Technological mediation, Tutor.

1. INTRODUÇÃO

O presente artigo se propõe a realizar uma revisão de literatura abrangendo o papel da mediação tecnológica na formação dos alunos dos cursos de ensino a distância nas modalidades não – presenciais. Inicia-se com uma breve análise da instituição universitária no ocidente, apresenta o projeto neoliberal consubstanciado no Consenso de Washington, discorrendo sobre os efeitos desta política na mudança de paradigmas do ensino superior, notadamente a partir da década de 90 do Século XX.

O trabalho prossegue, apresentando o contexto sócio-econômico que tornou possível e necessário o ensino superior a distância, discorre sobre a plataforma tecnológica sem a qual não seria possível a referida modalidade de ensino. Mediação e autonomia estão intimamente interligadas e ambas são importantes na aprendizagem do aluno. A apropriação é promovida a partir de um processo de mediação intencionalmente organizado e planejado pelo professor que cria as situações e espaços de problema assim como promove as trocas e as reflexões culminando numa aprendizagem autônoma.

Este processo é permeado de momentos intensos de interação e mecanismos específicos para mediação que tem sido pouco aprofundado nos estudos específicos de EAD permanecendo em geral sob o controle do professor. Bons professores realizam mediações de qualidade e garantem um bom sucesso dos processos educativos em geral. Mas, estes processos costumam ser implícitos e até certo ponto intuitivos.

2. UM BREVE HISTÓRICO

Desde suas origens, a organização do Estado pressupõe um contrato social com os inúmeros grupos formais ou não e os diversos interesses, por vezes contraditórios que compõem a totalidade de uma nação e mesmo a relação entre as nações, representando os interesses da coletividade. O provimento das

necessidades das mais tangíveis e imediatas até às mais abstratas da população e seus grupos de interesses é parte das obrigações do estado.

O espectro de abrangência dos serviços prestados pelo Estado aos cidadãos e instituições nacionais sofreu grandes mudanças desde a origem dos agrupamentos humanos mesmo em períodos pré-letrados, passando pelas sociedades ancestrais, pela Antiguidade Clássica, pela fragmentada geopolítica europeia medieval até chegar aos estados nacionais do Século das Luzes. O Século XVIII, período de intensa liberdade de pensamento e investigação científica, foi também palco de embates ideológicos versando a respeito da política, da economia e, conseqüentemente, do papel estatal na sociedade. Montesquieu deu o primeiro passo para o estado moderno segmentando a esfera de influência do Estado em três poderes básicos, o Poder Legislativo, que elabora as leis, o Executivo, que executa as leis criadas pelo poder anterior, além de administrar direta e indiretamente as instituições e o Judiciário que delibera sobre a aplicabilidade das leis e estabelece sobre as transgressões.

No panorama político, haviam as idéias de Thomas Hobbes, que postulava um estado fortemente centralizado e controlador, o *Leviatan*, em prol do qual todos os cidadãos devem abdicar de seu poder pessoal, permitindo que o poder central delibere sobre todos os aspectos de sua vida e morte; por outro lado, John Locke argumentava que o mercado, se deixado à sua própria deliberação, encontraria um *momentum* de auto-regulação, um equilíbrio dinâmico no qual a intervenção do Estado não somente seria desnecessária como também perniciosa. Hobbes e Locke deram conteúdo ideológico para os fenômenos da monarquia absoluta e do liberalismo econômico, díspares entre si e, ambos, originadores do capitalismo colonial.

O sistema capitalista foi levado, assim ao apogeu de sua fase colonial. Este sistema era mantido com base na exploração de monopólios das colônias (territórios não desenvolvidos conquistados por força de armas) por parte da metrópole (o estado dominante); este sistema garantia o fornecimento de matéria prima por parte da colônia a preços estabelecidos pela metrópole e a posterior venda à colônia de produtos industrializados, garantindo à metrópole um mercado consumidor que mantivesse a balança comercial em permanente dinamismo. Obviamente o aparato

militar do Estado garantia que as colônias se mantivessem submissas à potencia colonizadora.

Segundo Marx (1983, p.497), o grande problema deste sistema econômico é que ele não é auto-sustentável, exigindo uma permanente expansão de mercados para dar vazão à maciça produção industrial, o que levava, geralmente, na interferência com as esferas de influência de outras potências coloniais. Os choques entre os maiores impérios coloniais, Alemanha e Reino Unido, tornou inevitável a Primeira Grande Guerra e representou o colapso do sistema capitalista colonial.

Após esta conflagração inicial, retomou-se um período de notável efervescência política e cultural, a geração perdida, como ficou conhecida a agitação intelectual ocorrida na Europa no período entre guerras notabilizou-se por um acentuado acirramento de ânimos políticos a ascensão paulatina do operariado à categoria de força política e social relevante no panorama internacional.

Neste meio tempo, do espesso e instável caldo sócio-cultural predominante na Europa, emerge a figura do “estado forte”, controlando todos os aspectos da sociedade, como que uma interpretação aberrante do pensamento de Hobbes. Ditaduras de direita florescem por toda a Europa; Franco na Espanha, Mussolini na Itália, Hitler na Alemanha, Pilsudsky na Polônia. O operariado, mobilizado sofre intensas perseguições. Na Alemanha, derrotada e humilhada na Primeira Grande Guerra, ergue-se o Partido Nacional Socialista (também conhecido como Nazista), com plataforma claramente anti-semita, anti-comunista e beligerante.

O Partido Nazista, no poder à partir de 1933, sob o pretexto de que alemães e austríacos representam um único povo (a doutrina do *aunshlus*), anexa territorial e politicamente a Áustria. A seguir implementa uma política de recuperar territórios perdidos aos países vizinhos como conseqüência do Tratado de Versalhes, assinado ao final da I Guerra Mundial, cujos termos levaram ao esfacelamento do império alemão. Quando os alemães invadem a Polônia, aliada do Reino Unido, visando a recuperação de Danzig (o “corredor polonês”), a Inglaterra declara guerra à Alemanha e seus aliados, Itália e Japão, o assim chamado, Eixo. Desta maneira, uma segunda grande guerra se estende pela face da Europa, Ásia, norte da África e mobiliza tropas e recursos das potências militares e econômicas do mundo inteiro.

Seguiram-se seis anos de II Guerra Mundial, que teve como saldo aproximadamente quarenta milhões de mortos, a Europa e o Japão arrasados economicamente, a polarização das economias do mundo em dois blocos distintos, o socialista, comandado pela União Soviética e o bloco capitalista, comandado pela nova superpotência, os Estados Unidos.

Os Estados Unidos, através de sua Lei de *Lend and Leasing*, que autorizou seu presidente Franklin D. Roosevelt a fornecer, a título de empréstimo, recursos e armamento para os Aliados na guerra contra o Eixo. Após o grande conflito, para prevenir acirramentos de ânimos e para garantir a soberania militar e econômica, o presidente americano Dwight Eisenhower (que substituiu Roosevelt quando este morreu) estabeleceu o Plano Marshall para a recuperação econômica da Europa que estivesse sob a esfera de influência dos Aliados, excluindo desta forma sua, até então, aliada, a União Soviética, também fortalecida pela inclusão de todo Leste Europeu em sua esfera de influência.

As décadas seguintes foram, para a humanidade, um período de cabo-de-guerra entre as duas superpotências, que se ameaçavam mutuamente com seus arsenais nucleares e disputavam entre si, ideologicamente, pelas atenções mundiais para seus respectivos modos de produção, seja na área dos esportes, seja nas artes, entre outras. Guerras foram travadas indiretamente pelo mundo todo, por estas potências, esgrimindo países de suas esferas de influências.

No mundo todo, foi um período de grandes contrastes, uma vez que a tecnologia dava grandes saltos, com a corrida espacial, a nova realidade dos satélites artificiais revolucionando a comunicação, o surgimento dos computadores eletrônicos, vôos tripulados em órbita da Terra, culminando com a missão tripulada à Lua. Entretanto, na Terra, havia revoluções pululando em diversas partes do mundo, sufocadas por ambas superpotências, golpes de estado arquitetados por ambos os lados.

Conquistas da tecnologia e da medicina disputavam manchetes nos noticiários com conflitos semibárbaros e grandes epidemias de doenças originadas na falta de saneamento básico em nações pobres (chamadas, então, o “Terceiro Mundo”), excluídos dos benefícios da riqueza das nações desenvolvidas economicamente. No próprio seio da Europa, a falência do *welfare state*, sistema

adotado desde o fim da Segunda Grande Guerra para dar suporte previdenciário ao grande número famílias vitimadas pela guerra, juntou-se à crescente recessão e sua conseqüente multidão de desempregados para dar origem a um panorama sombrio e pessimista que influenciou toda uma geração de jovens que enfrentavam a falta de perspectivas profissionais e sociais.

A resposta do capitalismo a estes contrastes extremos foi a retomada do liberalismo econômico pregado por Locke. O assim chamado neo-liberalismo ganhou volume entre os países desenvolvidos, com sua política de “enxugamento” estatal, deixando vulneráveis os estratos populacionais menos favorecidos. A ascensão do neo-liberalismo alinhou as instituições financeiras em um bloco uniforme, exigindo que os países emergentes e em desenvolvimento privatizassem o máximo possível de suas infra-estruturas de serviços públicos, entre eles figurando com destaque a Saúde e a Educação.

3. PANORAMA SÓCIO-ECONÔMICO

Neste panorama desenhado pelo Banco Mundial e pelo FMI ao longo das décadas de 80 e 90 do Século XX, o ensino superior foi gravemente afetado, de forma que o próprio papel da Universidade sofreu importantes remodelamentos e ressignificações. Entre as numerosas novas situações enfrentadas pelo ensino superior, encontramos o ensino superior a distância.

Sobre o neoliberalismo econômico, Batista comenta:

Apresentado como fórmula de modernização, o modelo de economia de mercado preconizado no consenso de Washington constitui, na realidade, uma receita de regressão a um padrão econômico pré-industrial caracterizado por empresas de pequeno porte e fornecedoras de produtos mais ou menos homogêneos. O modelo é o proposto por Adam Smith e referendado com ligeiros retoques por David Ricardo faz dois séculos. Algo que a Inglaterra, pioneira da Revolução Industrial, pregaria para uso das demais nações mas que ela mesma não seguiria à risca. No Consenso de Washington prega-se também uma economia de mercado que os próprios Estados Unidos tampouco praticaram ou praticam

Ou ainda:

O modelo ortodoxo de *laissez-faire*, de redução do Estado à função estrita de manutenção da 'lei e da ordem' – da santidade dos contratos e da propriedade privada dos meios de produção – poderia ser válido no mundo de Adam Smith e David Ricardo, em mercados atomizados de pequenas e médias empresas gerenciadas por seus proprietários e operando em condições de competição mais ou menos perfeita; universo em que a mão-de-obra era vista como uma mercadoria, a ser engajada e remunerada exclusivamente segundo as forças da oferta e da demanda; uma receita, portanto, de há muito superada e que pouco tem a ver com os modelos modernos de livre empresa que se praticam, ainda que de formas bem diferenciadas, no Primeiro Mundo. (2000, pág. 119-120)

Um número muito maior de pessoas tem acesso à educação de nível superior mediante os cursos de educação a distância, pessoas estas que estariam por uma razão ou outra, excluídas da educação superior. Pessoas cujas circunstâncias pessoais e opções profissionais as mantêm longe da possibilidade de um ensino presencial.

Visando diminuir abismos culturais e sociais causados tanto por acesso restrito às universidades quanto a supracitada impossibilidade de comparecer às aulas hoje, nas universidades de todo mundo, está sendo formada uma “sociedade digital”, que como diz CABRERA (2003, p.25) “se caracteriza pelo uso massivo de tecnologia de ponta. Nesse contexto, a ‘máquina’ desempenha o papel de mediadora entre os homens e dessa relação homem-máquina emergem algumas implicações que afetam o ambiente educacional.”

Se faz mister pontuarmos que tanto o professor quanto o espaço didático devem estar adequados ao desafio desta modalidade de ensino. Capacitar o professor e equipar o ambiente de estudo são passos fundamentais no trabalho com a educação à distância, e são os maiores cuidados quanto a este assunto no atual estágio de desenvolvimento da educação a distancia em nosso país.

Ela [a tutoria] se apresenta como uma necessidade cada vez maior de incentivar o diálogo entre o estudante distante e a instituição que está oferecendo os cursos na modalidade da educação a distância. (MUNHOZ, 2003, p.42)

É como diz Cabrera, que postula que “Certamente, o professor deve estar preparado para utilizar os recursos tecnológicos como ferramentas que podem

tornar o ensino mais significativo, especialmente se considerarmos que a escola tem que ser significativa no contexto em que está inserida.” (2003, p.25):

Ele é aquele profissional que conhece e respeita as diferentes formas de aprender. Ele não aparece com frequência, mas está sempre presente. Ele está próximo ao entorno social do estudante distante. (MUNHOZ, 2003, p.43)

Entretanto, como se dá o encontro do conhecimento quando a distância é caracterizada como a maior dificuldade é exatamente a questão por trás deste trabalho. MUNHOZ (2003) partilha sua visão conosco:

Uma primeira tentativa de superar esta dificuldade se observa no desenvolvimento de materiais didáticos dialogados e interativos. A análise das iniciativas nos permite concluir que esta providência, quando tomada de forma isolada, é insuficiente. A atividade de tutoria seja desenvolvida de forma on-line ou presencial em centros de apoio descentralizados, dependendo da forma como é desenvolvido o projeto da instituição, ainda é a forma mais segura de prender o interesse e acompanhar a evolução do alunado distante. Novas promessas, tais como o aumento da largura de banda e das possibilidades de videoconferências em computadores pessoais indica possibilidades a serem ainda confirmadas no desenvolvimento de novas formas de incentivar o diálogo entre o estudante distante e a instituição central. Isto pode fazer com que o aluno sinta-se parte da instituição e apresente como consequência um maior rendimento em suas atividades.

A implementação de melhorias nos meios de comunicação e adequação dos materiais didáticos, em geral, não significa, *a priori*, garantia de sucesso do processo de aprendizagem do estudante. Para que esta meta seja alcançada, torna-se essencial a mediação entre alunos e aparato tecnológico-pedagógico, elemento este representado pela figura coesiva do Tutor.

4. UMA MODALIDADE ADAPTADA A SEU TEMPO

A modalidade de Educação a Distância, tal como ofertada em Instituições de Ensino Superior no Brasil, a despeito de ser relativamente recente, contando apenas com algumas décadas, comparadas com as centenas de anos do ensino presencial

formal, encontra-se fartamente documentada, em termos de abordagem teórica e de uma sempre crescente produção científica no que diz respeito às formas que a *praxis* tem assumido nas diversas instituições em que é ofertada.

Levando-se em conta o crescimento desta modalidade no Brasil, faz-se necessário estudar cada um de seus elementos constituintes, não apenas com finalidade classificadora, mas sim visando identificar e compreender este fenômeno, visando elaborar sua crítica enquanto fenômeno humano e aprimorá-lo enquanto prática educacional.

A comunicação ganha espaço de destaque entre autores que se dispõem a tratar da temática da educação à distância, bem como dos educadores que tiveram experiência como professores neste ambiente educacional. Para os alunos, os aspectos relacionados ao processo de comunicação estabelecido pelo professor à distância representam um diferencial que determina se haverá uma conexão ou uma dispersão. (CABREIRA, 2003, p.42)

Uma vez mais destaca-se a figura do Tutor como elemento focalizador do processo de ensino-aprendizagem dos cursos de educação superior a distância. O processo comunicativo da educação a distância apresenta-se, na literatura analisada, como sendo plena e satisfatoriamente efetivado mediante a participação da figura do Tutor.

Nestes termos, vale destacar que na literatura analisada, a figura do tutor ganha contornos decisivos na formação do estudante dos cursos oferecidos na modalidade a distância.

4.1 A MEDIAÇÃO TECNOLÓGICA

Como fartamente demonstrado no estudo das origens da educação a distância, a educação a distância só foi efetivamente possível quando do desenvolvimento de tecnologias que diminuíssem a lacuna originada na distância geográfica e cronológica entre estudante e professor, entre conteúdos emitidos e sua recepção por parte dos instruendos. O uso da tecnologia, dos computadores, da Internet, com suas ferramentas de comunicação imediata permitiram a criação de

um elo eficiente entre professores e alunos, entre instituição que oferta o ensino a distância e um público enorme, situado geograficamente distante desta mesma instituição.

(...) o contexto da educação à distância reproduz um ambiente mais próximo da realidade dos alunos, a virtualização, a mediação, a presença da tecnologia – interfaces que assumem um papel de “conexão” nas relações sociais que passam a ser estabelecidas também à distância. (CABREIRA, 2003, p.50)

Ao passo que abre novos horizontes para a educação, a matriz tecnológica também representa um desafio não só pedagógico, mas também logístico, uma vez que um significativo volume de recursos de naturezas várias (tecnologia, estudo teórico, planejamento pedagógico, recrutamento e seleção de profissionais aptos a trabalharem na educação superior a distância, entre outros) são mobilizados para compor a infra-estrutura do modelo não presencial. Conforme preconiza Vieira, “Um sistema de educação à distância mediado pela Internet envolve diversos componentes como, aprendizagem, ensino, comunicação, desenho e gerenciamento, além de toda parte editorial.” (2006).

Entretanto, a mediação tecnológica não supre por si só todas as necessidades destes estudantes; de fato, resumir-se a uma instrução pré-programada resultaria em uma grande lacuna na formação dos estudantes da educação a distância.

No ensino à distância geralmente a tecnologia une professor e aluno, mas o espaço que permite este contato é virtual e essa proximidade mediada nem sempre dá conta de preencher o espaço destinado ao professor no processo ensino-aprendizagem. (CABREIRA, 2003, p.96)

A questão da insuficiência dos meios tecnológicos na formação do aluno da educação a distância é ponto pacífico entre os autores consultados, havendo ainda concordância sobre como este obstáculo pode ser superado, através da mediação do Tutor.

4.2 A POSSIBILIDADE DE COMUNICAÇÃO

A solução encontrada para mediar a relação entre instituição mantenedora de cursos de educação a distância, estrutura pedagógica e estudantes da modalidade de educação a distância, tornando-a verdadeiramente bilateral, foi a criação da figura do tutor: Um misto da figura do professor com a do representante de turma, falando em termos simbólicos, o tutor guarda no âmago de seu papel a chave para a efetividade do sistema de educação a distância.

A presença do tutor na sala de vídeo evoca a imagem do professor. Na sala de aula, instiga os alunos a fazerem perguntas e a participar das videoconferências. Na tutoria, ele se transforma na figura central e através do diálogo vai estabelecendo um contato direto com os alunos que nesse encontro aproveita para tirar dúvidas acerca das atividades propostas pelo professor. (CABREIRA, 2003, p.52)

Muito tem sido escrito e dito a respeito do perfil desejado para o profissional que atuará junto aos estudantes da educação à distância. Das inúmeras características elencadas pela literatura, podemos atentar para o destacado por MUNHOZ (2003, p.40)

O profissional que procura os cursos para formação de professores na educação a distância localiza-se em uma faixa etária entre 30 e 45 anos, trabalhando em universidades do sistema público e faculdades do sistema particular de ensino, sem experiência anterior na educação a distância e que pretendem participar de equipes de projetos para a oferta de cursos na modalidade da educação a distância em suas instituições de origem.

As circunstâncias que perpassam o ensino presencial convencional são radicalmente díspares das que permeiam um curso de educação a distância. Somente com esta realidade em foco um profissional que pretenda se dedicar a esta modalidade pode almejar a ser de alguma utilidade a sua instituição e principalmente aos estudantes que nele encontram não só um operador das mídias tecnológicas que possibilitam a educação não presencial, mas também um mediador, um modelo de conduta, um incentivador e um mestre.

A diferença significativa entre auto-instrução e instrução convencional é que enquanto para a primeira, o material de aprendizado é especialmente

projetado e produzido como fonte maior de aprendizado para o grupo de indivíduos definido como população alvo, para a última, o aprendizado baseia-se em um material preexistente que pode, ou não ser utilizado por professores e por alunos. (VIEIRA, 2006)

Certo é que a educação está sofrendo ainda o conjunto de mudanças apontado por Paulo Freire, quando conceituou a autonomia do aprendizado. Para que esta seja uma autonomia saudável, é de suma importância que o tempo, bem como o conteúdo, sejam aproveitados de forma saudável. Hoje se sabe, por exemplo, que o tempo de aprendizado está ligado a fatores como o tempo decorrido da lição. Lições mais longas tendem a prender menos a atenção dos alunos, bem como lições de pouco conteúdo interativo.

Podemos afirmar que a interação entre professor e aluno, mediada pela tecnologia e à distância, também se efetiva. O papel do tutor, no entanto, se torna relevante para que a comunicação possa se efetivar, ele promove a participação dos alunos e por vezes, para incentivar, ele mesmo participa, a exemplo de uma tutora da manhã que afirmou já conhecer a história que a professora contava e que apresentava muitas peças teatrais na escola em que leciona à tarde. (CABREIRA, 2003, p.99)

A participação do tutor na dinâmica em sala de aula tem não só a finalidade de avaliar individualmente os conteúdos de cada aluno, mas traçar o perfil da turma, elaborando atividades complementares que fixem determinados conteúdos, que possam ser considerados pelos instruídos como fonte de particular dificuldade. Estimular os alunos a descobrirem novos conhecimentos, por vezes atuar individualmente aconselhando-os, tais facetas tem sido observadas no cotidiano desta importante figura chamada Tutor.

Estar apto a contornar as dificuldades cotidianas de uma sala de aula além de interagir com o novo mecanismo de ensino é parte da tarefa desempenhada pelo tutor.

Nos dias atuais o papel desempenhado pelo tutor pode contribuir para a efetivação do processo de ensino-aprendizagem. Ele, ao acompanhar as aulas on-line com os alunos pode verificar se o professor consegue se comunicar com a turma e explicar os conteúdos da aula. (...) O trabalho desenvolvido pelos tutores tem início muito antes das aulas, ele participa de reuniões pedagógicas e tem sido convidado a emitir sua opinião sobre o desempenho dos professores. (CABREIRA, 2003, p.53)

Quando se fala em atualidade é preciso se lembrar que atualidade não se trata de um conceito temporal fixo, e sim de uma idéia que remete ao constante fluxo do tempo. É uma questão que a lingüística trata por característica de aspecto ou modo de ação, que fixa a palavra atualidade ao conceito de continuidade. Para se manter atual não basta que o tutor participe de algumas atualizações de conhecimento fragmentadas, mas sim cotidianamente, pois “o tutor é um professor em constante processo de formação” (CABREIRA, 2003, p.112)

4.3 O TUTOR COMO ELEMENTO COESIVO

A ponte tecnológica entre professores e estudantes, apesar de fundamental para os estudantes da educação a distância, não é suficiente para atingir os objetivos desta modalidade de educação, que é oferecer uma formação sólida, de qualidade a alunos que muitas vezes encontram-se afastados geograficamente da instituição que oferta o curso à distância. Podemos aventar, com base na literatura analisada, ser de capital importância o tutor para a boa formação do instruído.

(...) os professores estão transformados em atores globais de uma novela chamada educação, enquanto isso, os tutores-professores vão dando suas aulas, orientando seus alunos e depois, quem compara o ensino presencial com o presencial conectado pode ir mudando de rumo, os parâmetros são outros. (CABREIRA, 2003, p.113)

Para tanto, os tutores tem sido instados a romperem barreiras, reinventando a cada dia novas formas de comunicação com os estudantes. Não se trata, assim, de um papel de “animador de torcida”, mas sim a aplicação de um conjunto estruturado de atividades pedagógicas, articulado com uma visão clara das potencialidades e conteúdos individuais dos estudantes, de forma a analisar, selecionar e desenvolver gestões adequadas a cada indivíduo, harmonizando-as ao perfil coletivo da turma na qual o indivíduo está circunscrito.

Ele é o profissional psicólogo, que sabendo as formas como o ser humano aprende, que respeitando a individualidade de cada um, acompanha de

longe o caminho percorrido pelo aluno, intervindo apenas quando chamado ou quando percebe alguma forma de facilitar o caminho ou indicar caminhos alternativos. (MUNHOZ, 2003, p.43)

Ou ainda, nas palavras de Vieira (2006):

No ensino tradicional, o professor tenta fazer com que todos os alunos alcancem os objetivos da aprendizagem já elaborados, levando em conta as necessidades da classe como um todo. No ensino individualizado, o professor diagnostica o nível de aprendizagem de cada aluno, ou seja, verifica o que ele sabe e o que lhe falta aprender, indicando as atividades que melhor atendam às suas necessidades e interesses. (VIEIRA, 2006)

Vieira (2006) ainda sugere que um curso virtual deve priorizar antes de mais nada o pedagógico, tanto em sua face tecnológica, quanto em sua vertente presencial, substanciada nos tutores, profissionais por excelência, que tornam possível o diálogo entre os estudantes e professores.

(...) é preciso acompanhar esta novidade deixando de lado os preconceitos, colaborando para que, mesmo à distância, seja oferecida uma educação que permita o desenvolvimento do indivíduo como cidadão, ciente de seus direitos e preparado para fazer parte desta contemporaneidade. (CABREIRA, 2003, p.110)

A figura do Tutor, ao contrário do que possa parecer, fica longe de uma imobilidade intangível, ela transborda vitalidade e dinamismo, assumindo novos contornos de acordo com a necessidade e perfil da turma que seja por ele custodiada.

A atividade desempenhada pelo tutor, diante de muitas situações de ensino, se assemelha a de um representante da turma, tendo em vista que, em muitas ocasiões, medeia o diálogo entre o professor e os alunos e em alguns casos específicos é solicitado para negociar mais prazos ou questionar a avaliação com os professores. Quando o assunto é conteúdo de videoconferência o tutor desempenha o papel de um professor particular, explica o conteúdo de acordo com a dificuldade de cada grupo. (CABREIRA, 2003, p.53)

Para que um tutor desenvolva suas atividades em benefício dos estudantes, é estritamente necessária uma verdadeira cumplicidade entre este e as coordenações de curso culminando com profundo respeito com os alunos, objetivo último de um curso de educação à distância.

Ele [o tutor] não é mais aquele professor interessado apenas em desincumbir-se de seu plano de curso, a ser executado de forma inflexível, independente desta aprendizagem apresentar ou não significado para o aluno. (MUNHOZ, 2003, p.43)

Em última análise, segundo Cabreira (2003, p.96), “enquanto o professor ministra sua aula à distância, o tutor se aproxima dos estudantes e passa a desempenhar uma atividade “nova” no ensino, ele se torna um facilitador, um personagem secundário que assume o papel de protagonista na escola (...)”

Ainda segundo Cabreira (2003, p.112), os papéis assumidos pelos Tutores apresentam a riqueza dos conteúdos humanos possuídos por cada profissional; “a educação à distância que vigora na comunidade educacional que permitiu nossas reflexões, precisamos destacar, apresenta particularidades que não encontramos nem no ensino presencial, isso faz a diferença nos momentos em que o professor da vídeo não interage, em que a técnica não garante boa imagem nem bom som”.

Neste sentido, podemos depreender que o grande papel do Tutor na educação a distância, não se resume ao aspecto técnico, ele também é indispensável neste sentido, ou partilhar deveres e responsabilidades com os professores, elemento remoto desta grande equação, porém mais que isso, ele humaniza e viabiliza a própria existência das iniciativas de educação a distância.

5. CONCLUSÃO

Este artigo buscou realizar uma reflexão sobre o papel da mediação tecnológica no processo de ensino-aprendizagem presente no modelo de ensino a distancia, em nível superior na modalidade não-presencial.

Observou-se como a figura do Tutor torna-se importante neste contexto, podendo auxiliar na gestão de um curso de educação a distância, e através de um substancial levantamento de dados pudemos observar o quanto a mediação tecnológica e a atuação deste profissional apresenta-se intimamente ligada, sendo fundamental esta interação tanto para o curso como para a formação dos estudantes. Observou-se também que o papel do tutor vai além do operador de computador, encaminhando perguntas dos alunos para o professor mediante o envio de e-mails. Figurando entre suas atividades mais importantes tanto as que lhe permitem identificar e sanar lacunas na formação do aluno, mapeando potencialidades, quanto no gerenciamento, planejamento e organização de atividades que visem mediar a relação entre os estudantes e os professores, distantes de suas turmas, dada a necessidade de se compreender o papel exercido pelas tecnologias colocadas em movimento no panorama do Ensino a Distância, uma vez que a matriz tecnológica representa um desafio não só pedagógico, mas também logístico, uma vez que um significativo volume de recursos de naturezas várias (tecnologia, estudo teórico, planejamento pedagógico, recrutamento e seleção de profissionais aptos a trabalharem na educação superior a distância, entre outros) são mobilizados para compor a infra-estrutura do modelo não presencial.

Outro ponto a ser destacado, é o fato de que existe um perfil bem definido argüido a um profissional que deseje ensejar laços com a atividade de tutoria, incluindo uma formação sólida e conhecimentos estruturados, aliados a uma sensibilidade aguçada por habilidade e experiência, uma vez que tal perfil auxiliará estudantes e instituições a alcançarem o sucesso almejado, seja ele representado por uma titulação acadêmica, no caso do instruendo ou o oferecimento de uma formação não-presencial de qualidade, no caso da instituição mantenedora do curso.

REFERÊNCIAS

BATISTA, M. do Socorro Xavier Batista. **A reforma do estado, a reforma da universidade e o movimento docente**: resistência e embate de projetos. Tese. Doutorado em Sociologia. UFPE. Recife, 2000.

CABREIRA, Luzia Grandini. **O Ensino à Distância e a Nova Mídia - Análise do processo educacional mediado por tutores e aparatos tecnológicos em Londrina/Pr.** 2004. DISSERTAÇÃO (MESTRADO EM EDUCAÇÃO) – UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA.

HOBBSBAUN, Eric J. **A Era dos Extremos.** Rio de Janeiro, RJ: Nova Fronteira, 1998.

MARX, Karl. **O Capital.** v. 1. São Paulo, SP: Abril Cultural, 1983.

MUNHOZ, Antonio Siemsen; **A Educação a Distância em Busca do Tutor Ideal.** In: Colabor@ - Revista Digital da CVA, 2003, v.2, n.5 - p. 32-46. agosto 2003

PALLOFF, K. e PRATT. **Construindo Comunidades de Aprendizagem no Ciberespaço.** Porto Alegre: ArtMed, 2002

PALLOFF, K. e PRATT, **O Aluno Virtual.** Porto Alegre: ArtMed, 2004

UNESCO. **Educação**: um tesouro a descobrir. Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre educação para o século XXI. 10ª edição. São Paulo: Cortez; Brasília/DF: MEC: UNESCO, 2006.

VIEIRA, Fábica Magali Santos. **Considerações Teórico-metodológicas para Elaboração e Realização de Cursos Virtuais.** 2006. Unimontes Virtual. Disponível em: http://www2.abed.org.br/visualizaDocumento.asp?Documento_ID=27. Acesso em 21/2/14